



ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 73

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

73

Ano de Edição

2022

Ano Associativo AAP

2021

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud
- A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA**
- 9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.
Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval
António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real
- 37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais
Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo
- 47 Defensa de la muralla augustea de Emerita
Miguel Alba
- 67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado
Ana Patrícia Magalhães
- 83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga
André Carneiro
- 97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade
João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias
- 107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes
- 121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas
Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme
- 131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)
Pedro Matos, Helena Catarino
- 143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão
Jacinta Bugalhão
- 157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X
Bruno Franco Moreno
- 169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)
João António Ferreira Marques
- 177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)
Alfonso Vigil-Escalera Guirado
- 187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus
Susana Gómez Martínez
- 207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X
Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M^a. José Gonçalves, Susana Gómez

ARTIGOS

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior
Elisabete Martins Robalo

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3^o milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE BELMONTE APÓS FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

Elisabete Martins Robalo

Câmara Municipal de Belmonte / betarobalo@hotmail.com

Resumo

Desde a publicação em 1910, por Francisco Tavares Proença Júnior da “Archeologia do Distrito de Castelo Branco”, houve já em Belmonte diversos trabalhos de inventário, prospecção e escavações arqueológicas que têm vindo significativamente a engradecer a Carta Arqueológica do Concelho.

As escavações efectuadas em Centum Cellas, na villa romana da Fórnea, no Castelo de Belmonte, na Casa da Torre, no Convento da Esperança, entre outras, aportaram importantes dados para o estudo da ocupação humana no Concelho de Belmonte.

Palavras-chave: Belmonte, Carta arqueológica, Archeologia.

Abstract

Since the publication in 1910 by Francisco Tavares Proença Júnior of the “Archeology of the District of Castelo Branco”, there have already been in Belmonte several works of inventory, prospecting and archaeological excavations that have significantly improved the Archaeological Chart of the Municipality.

Excavations carried out in Centum Cellas, in the Roman villa of Fórnea, in Belmonte Castle, in Casa da Torre, in the Esperança Convent, among others, provided important data for the study of human occupation in the Municipality of Belmonte.

Keywords: Belmonte, Archaeological inventory, Archaeology.

1. LOCALIZAÇÃO

O Concelho de Belmonte localiza-se na extremidade norte do Distrito de Castelo Branco, possuindo uma área concelhia com cerca de 133,24Km². Limita a nascente com o concelho do Sabugal, a sul com o concelho do Fundão e da Covilhã, a ocidente também com o da Covilhã e a norte com o concelho da Guarda.

Segundo a tradição, o nome Belmonte provem do lugar onde a Vila está edificada (monte belo ou belo monte) porém, há quem lhe atribua a origem de «belli monte» (monte de guerra). Este monte, «Monte da Atalaia», designação também atribuída aos romanos, com a altitude máxima de 625 metros, forma com os Montes Crestados (Serra da Esperança) o inselbergue que se encontra no prolongamento da Tecla da Gaia, que desce da Guarda para a Cova da Beira (Tavares e Marques, p.1). (Figura 1)

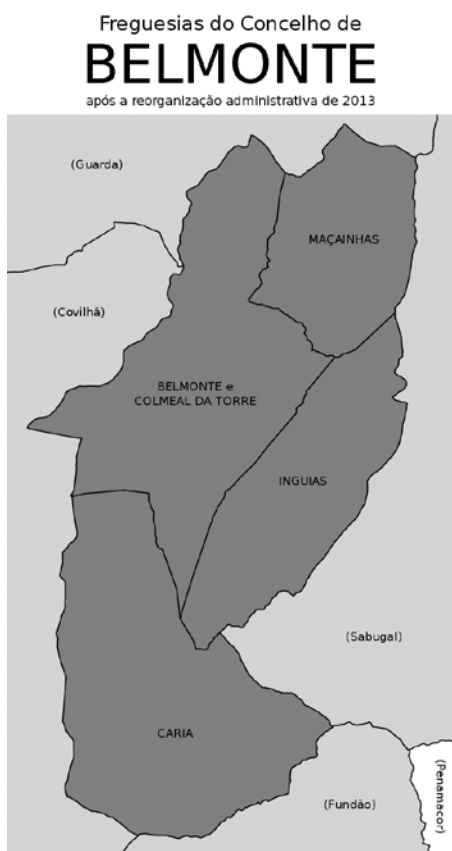


Figura 1 – Localização geográfica de Belmonte (Fonte: Wikipédia).

Do ponto de vista paisagístico, Belmonte domina, para poente, quase toda a encosta oriental da Serra da Estrela e o vale formado pelo curso médio do Zêzere.

Para norte, controla ainda parte da Serra da Estrela e do vale encaixado, onde o referido rio deixa o seu percurso de montanha para entrar na Cova da Beira, onde recebe outros cursos de água, depositando ao longo do seu leito ricos aluviões responsáveis pela acentuada fertilidade do seu solo (enorme aptidão agrícola) e pela riqueza mineira aluvial da região (cassiterite e ouro), que na Antiguidade foi marcante para a economia local. Para nascente avista-se o prolongamento do sistema montanhoso da Cordilheira Central.

Geomorfologicamente, Belmonte enquadra-se no complexo da Cordilheira Central, concretamente no extremo norte da denominada Cova da Beira, que resulta da formação de uma bacia tectónica. Do ponto de vista geológico, este monte – ilha pertence a uma zona de rochas eruptivas hercínicas, de granito porfírido de grão grosseiro, cujos subsolos são ricos em cassiterite (estanho) e urânio.

Os cursos de água mais importantes são o rio Zêzere com os seus afluentes (Ribeira da Vela, Ribeira da Teixeira e Ribeira de Gaia), a Ribeira de Maçainhas, das Inguias e de Caria.

É um município essencialmente agrícola (produção de fruta, centeio, azeite e vinho), no entanto, a pecuária, a indústria de confecções, a pequena metalurgia, a panificação, a metalomecânica, a carpintaria, a serralharia, a produção de queijo e algum comércio, são também algumas actividades desenvolvidas.

A sua excepcional posição estratégica, não só de altura, mas também como ponto de convergência de importantes vias militares, a boa aptidão dos solos, a riqueza mineral, a proximidade de recursos hídricos, terão contribuído para que desde os tempos mais remotos populações se tenham estabelecido em Belmonte.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

Há autores que referem que Belmonte teria tido uma primitiva ocupação castreja, referindo que no local onde se implantou o castelo medieval, teria existido um castro. No entanto, escavações feitas no castelo não revelaram quaisquer elementos desse período.

O estudo da ocupação pré-histórica no Concelho é ainda bastante incipiente. O vestígio mais antigo que se conhece actualmente é a anta localizada em Caria. Já o povoado da Chandeirinha e S. Geraldo, são locais que assinalam a presença humana durante a Idade do Bronze / Idade do Ferro.

É da época romana que se encontram, com uma maior expressividade, os sinais de ocupação humana na região; Vale da Senhora da Estrela, Centum Cellas,

Quinta da Fórnea, entre muitos outros, locais ligados à exploração agrícola, mineira, etc. Pela quantidade de materiais importados descobertos (ânforas, lucernas, *terra sigillata*, etc), é notório o dinamismo económico que a região conheceu e que se reflectiu no comércio.

A história de Belmonte começa a ser mais conhecida durante o período medieval. D. Sancho I concede-lhe foral em 1199, análogo ao da Covilhã, com o intuito de promover o desenvolvimento e povoamento da povoação.

Aquando as escavações realizadas no castelo, para além de alguns materiais cerâmicos datáveis do século XII e quatro silos, foi identificado um pequeno alicerce, em pedra granítica vã. Esta estrutura estará relacionada com as casas existentes antes da construção do castelo, acerca das quais se encontram referências em dois documentos existentes na Torre do Tombo. Um dos quais refere que, em 1253 D. Egas Fafe, Bispo de Coimbra, adquire duas casas no interior do castelo (MARQUES, 2000, p.266).

No entanto, é de 1258, reinando D. Afonso III, o primeiro documento que concretamente se refere ao castelo, concedendo neste ao bispo de Coimbra, D. Egas Fafes, a construção em Belmonte de torre e castelo e que o utilize.

Com a assinatura do Tratado de Alcanizes, que determinará o desvio da fronteira luso – castelhana mais para Oriente, a importância estratégico-militar de Belmonte decaiu, contudo, o castelo de Belmonte continua a assumir as suas funções militares, integrando-se numa segunda linha de defesa da fronteira, que durante as guerras fernandinas se mostrará bastante activa.

D. João I dá-lhe Carta de Vila, dando autonomia ao Concelho de Belmonte e desligando-o do termo e foro da Covilhã, nomeando entre 1397 e 1398, Luís Álvares Cabral como primeiro alcaide do castelo. Começa aqui o poderio da família Cabral em terras de Belmonte. Em 1466, com a doação a título hereditário da vila e castelo a Fernão Cabral, por D. Afonso V, o castelo é transformado em residência da família Cabral.

D. Manuel concede também novo foral a Belmonte em Santarém, a 1 de Julho de 1510.

3. CARTA ARQUEOLÓGICA DE BELMONTE: DE FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR À ACTUALIDADE

Em 1910 é publicada a obra “Archeologia do Distrito de Castelo Branco” de Francisco Tavares Proença Júnior onde vêm referenciados sítios arqueológicos localizados no Concelho de Belmonte. (Figura 2)



Figura 2 – Sítios Arqueológicos identificados por Tavares Proença Júnior em Belmonte (In: Archeologia do Distrito de Castelo Branco).

Nas Inguias, em local identificado como “Ribeira de Antras”, localizado provavelmente junto da ribeira, Proença Júnior identificou uma necrópole constituída por 7 antas, já bastante destruídas. Actualmente, não se conhece a localização exacta das referidas antas. Na altura, foram recolhidos 6 machados de pedra polida, que se encontram no Museu em Castelo Branco.

Tavares Proença Júnior faz também referência à existência na localidade de Caria “de restos muito apagados de construções romanas, no mesmo local aonde se notam os restos das construções medievas”, provavelmente alusão ao sítio da Casa da Torre.

Localiza também a Torre de Centum Cellas e refere que em Belmonte há importantes vestígios de explorações metalíferas de cronologia romana, provavelmente alusão às explorações mineiras da Gaia, exploradas ainda no início do século XX, assim como a restos de habitações e a um cemitério romano bastante rico, grande parte destruído. Neste caso, desconhecemos o local exacto a que Proença Júnior se refere.

Na obra, Proença Júnior menciona também uma inscrição romana que depois publicará num artigo sobre as inscrições romanas presentes no Museu de Castelo Branco que pertencera ao “amigo” Alves Padez (JÚNIOR, 1910, IV). Trata-se de um cipo de granito, com a inscrição: Proculo. Silvani / *f*(ilijo). Procula. filia/ patri. (*hedera*) – Ao pai, Próculo, filho de Silvano. Prócula, sua filha.

Terá sido também Alves Padez que lhe dará conhecimento, em 1910, aquando da demolição da Igreja de S. Francisco (há fontes que referem que foi na Capela de S. Sebastião), de uma lápide com caracteres hebraicos inscritos, com a seguinte legenda: “ E Adonai está no seu templo sagrado, emudece perante Ele toda a sua terra” (Livro de Hababuc, 2.20), que possivelmen-

te pertenceria à torça da porta principal da primitiva sinagoga e cuja datação remonta a 1297 (5057 da Era hebraica). Na altura a inscrição foi depositada no Museu de Castelo Branco, neste momento encontra-se em exposição no Museu Judaico de Belmonte (Jornal: A Serra, 1925, p.22).

Foi a Samuel Schwarz que se deveu o estudo e leitura da inscrição atrás referida. Foi este engenheiro de minas polaco que, nos anos 20 do século XX, detectou a existência de judeus em Belmonte, uma comunidade bastante demarcada da comunidade católica, conservando práticas, usos e costumes. Trabalhava na Gaia e a ele também se deve a recolha de algum espólio arqueológico proveniente das dragagens da Ribeira da Gaia, nomeadamente uma lâmina de sílex, um percutor de quartzito, 4 picos de rocha dura e uma picareta de ferro que entregou posteriormente ao Museu Nacional de Arqueologia.

Também à guarda do Museu Tavares Proença Júnior encontra-se material recolhido em 1958 nas escavações efectuadas por Aurélio Ricardo Belo no sítio também referenciado por Proença Júnior e sobejamente conhecido; o sítio romano da Torre de Centum Cellas.

O sítio de Centum Cellas localiza-se no Colmeal da Torre (Belmonte) é Monumento Nacional e é um dos mais emblemáticos e enigmáticos da Região, em parte devido à sua funcionalidade ainda não estar completamente identificada; atalaia, mutatio, villa, templo, entre outras, são as diversas funções já apontadas para o edifício.

As referidas escavações foram as primeiras a ser realizadas no local e permitiram datar a utilização do edifício, com ocupação do século I ao V d.C, demonstrando que a torre não estaria isolada, mas sim integrada com mais estruturas localizadas ao seu redor. Do espólio arqueológico recolhido destacam-se moedas, alfinetes, conta de colar em ouro, vários fragmentos cerâmicos e metálicos, nomeadamente um máscara de bronze com a cabeça de Júpiter (NOGUEIRA, 2006, p.29).

O local foi novamente alvo de escavações em 1993 e 1994 por Helena Frade que colocou a descoberto grande parte das estruturas, identificando o local como uma villa construída nos inícios do século I d.C. O seu proprietário seria Lucius Caecilius, conforme inscrição presente em ara recolhida na altura, que se dedicaria à exploração agrícola e mineira. (Figura 3)

Também na mesma época, com campanhas efectuadas entre 1992 e 1995, António Augusto Marques realiza escavações arqueológicas no Castelo de Belmonte. As escavações permitiram uma melhor interpre-



Figura 3 – Centum Cellas.

tação da evolução cronológica do edifício, assim como permitirem exumar bastante material arqueológico das diversas fases, do séc. XII ao XVII.

Ao mesmo autor se deve a Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte, publicada nas Actas das 1.ªs Jornadas de Património da Beira Interior (2000). Nela o Autor inventaria 35 sítios arqueológicos, sendo 22 deles inéditos (Marques, 2000, p.359). (Figura 4)

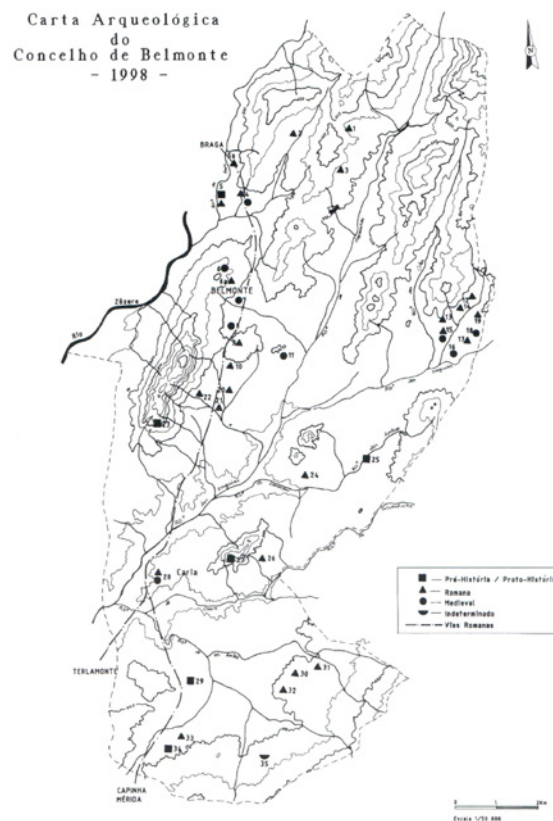


Figura 4 – Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte, 1998 (Marques, 2000, p.359).

Em 1997, António Augusto Marques também realizou escavações no convento Franciscano de Nossa Senhora da Esperança, cujo espólio arqueológico agora em estudo, trará informações bastante importantes para a investigação da época moderna em Belmonte.

Também em 1997, aquando a construção da actual A23 deparou-se com a existência de vestígios cerâmicos romanos no local da Quinta da Fórnea, tornando-se necessária a realização de trabalhos arqueológicos. Daí resultou o conhecimento de um importante sítio arqueológico e a alteração do traçado rodoviário inicialmente previsto, salvaguardando-se assim este elemento patrimonial.

Passados dez anos, o Município de Belmonte promove a execução de um projecto visando a continuidade dos trabalhos arqueológicos, bem como o restauro e valorização das estruturas identificadas na década anterior, assim como a musealização do local. É neste âmbito que se coloca a descoberto a quase totalidade das estruturas ainda preservadas no subsolo, surgindo hoje a Quinta da Fórnea como uma das poucas explorações rurais romanas escavadas, praticamente em toda a extensão, em Portugal.

Embora não se trate de uma villa opulenta, com a total ausência de mosaicos, pisos ladrilhados ou colu-

nas de mármore, manteve-se desde o século II até ao século IV, data provável para o seu abandono, como um exemplo de uma arquitectura civil extremamente funcional, sobressaindo também aqui todo o engenho romano, no qual destacamos a construção no local de umas termas particulares.

Junto à villa da Quinta da Fórnea, talvez relacionada com esta ou outra villa localizada nas proximidades e cujos vestígios são conhecidos, no decorrer dos trabalhos de regadio da Cova da Beira foi identificado um mausoléu, em forma de altar com pulvinos, possivelmente alto-imperiais, destacando-se pela sua singularidade e preservação in situ (Santos e Carvalho, 2008, pp. 127-143). Está previsto um projecto de valorização do local. (Figura 5)

Em 2007, Pedro Carvalho publica a sua tese de doutoramento: *Cova da Beira – Ocupação e Exploração do território na época romana*, onde faz um levantamento exaustivo dos sítios desta cronologia, referindo 32 locais no Concelho de Belmonte, sendo 3 inéditos (CARVALHO, 2007).

No mesmo ano, na entrada Sul da Vila de Belmonte no decorrer de um projecto de florestação do local, foram identificados à superfície diversos fragmentos de *tegulae* e cerâmica comum de cronologia romana.



Figura 5 – Villa romana da Quinta da Fórnea.

O sítio inédito, identificado como “Muro” foi alvo de escavações que permitiram colocar a descoberto um tanque, possivelmente associado a uma villae.

Também referenciada por Tavares Proença Júnior, em Caria, procedem-se a escavações na Casa da Torre, com vista à instalação no local do Centro de Estudos Arqueológicos, local de depósito do material arqueológico recolhido no Concelho, com vista ao seu inventário, preservação e estudo, tendo sido inaugurado em 2013.

A Casa da Torre trata-se de um local de reconhecido valor histórico e antes das obras foram efectuadas escavações arqueológicas que, além de permitirem verificar a existência de estruturas e materiais que pudessem vir a ser danificados no decurso das obras previstas para o espaço, visavam a confirmação das diferentes ocupações humanas que as mais variadas fontes referiam. Identificaram-se até agora duas principais fases de ocupação; séculos XII-XIII e séculos XIV – XVI, ambas representadas por elevado e diversificado material arqueológico, associado a algumas estruturas, que foram de grande importância para o estudo do local.

Em Agosto de 2017, ao local juntou-se também a função de espaço museológico, com a exposição de vários objectos arqueológicos recolhidos no Concelho, abarcando diversas épocas cronológicas. Destaca-se material romano recolhido em Centum Cellas e villa da Quinta da Fórnea, medieval, recolhido no Castelo

de Belmonte e Casa da Torre e moderno, essencialmente recolhido no convento N.ª S.ª da Esperança. Intitulado de Museu do Território, pretendeu-se com este fazer uma síntese da ocupação humana no Concelho de Belmonte, assim como a sua evolução cronológica. Foi feita uma síntese dos diversos sítios arqueológicos identificados, tendo sido contabilizados 47 locais de diferentes épocas cronológicas. (Figuras 6 e 7)

4. CONCLUSÕES

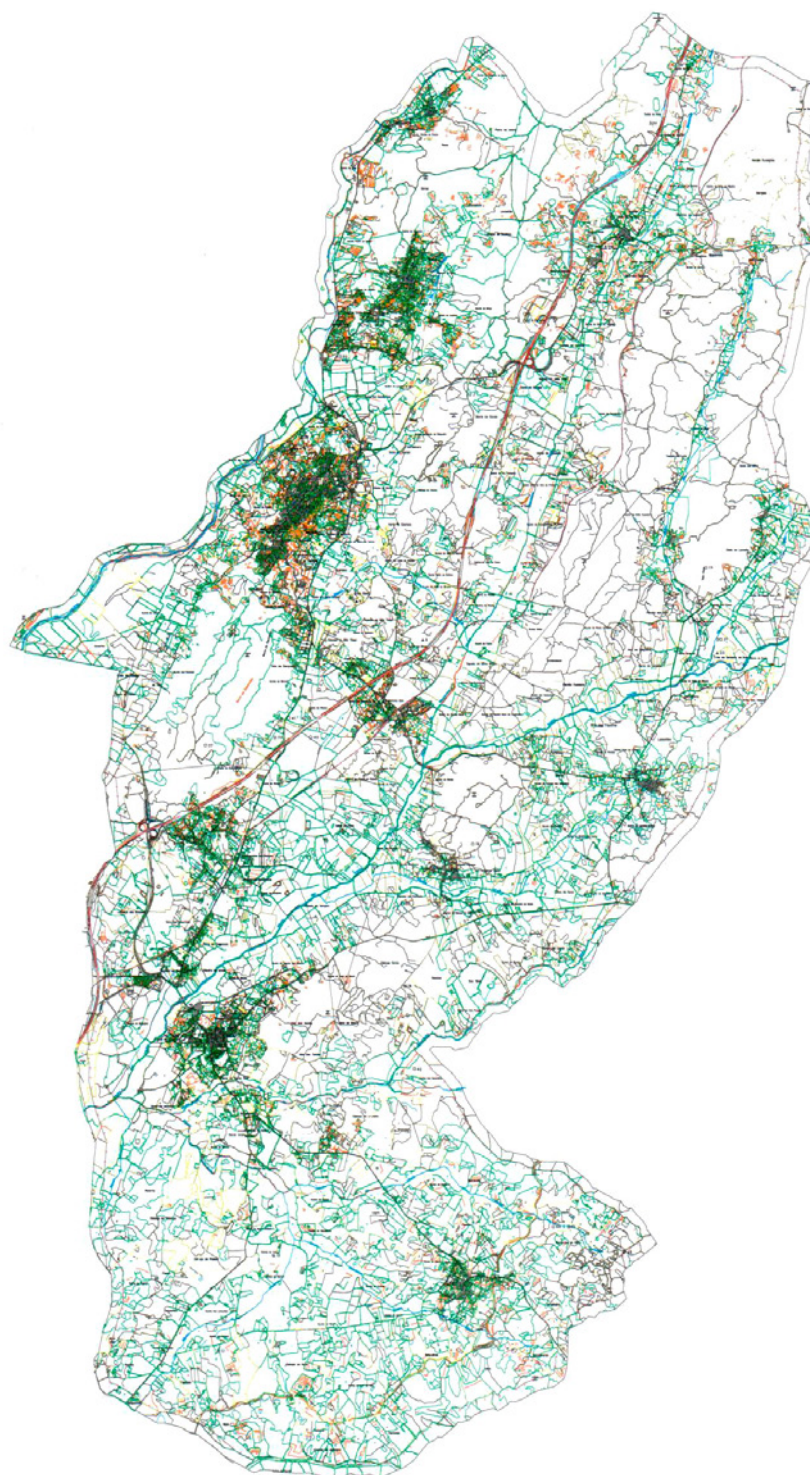
Desde a publicação em 1910 da obra “Archeologia do Distrito de Castelo Branco”, de um total de 3 locais referidos em Belmonte já se conhecem na actualidade um total de 47 sítios de interesse arqueológico.

Alguns desses locais foram já inclusive alvo de trabalhos arqueológicos que contribuíram não só para um melhor conhecimento destes, mas também para um crescente saber da história do Concelho. Tentámos neste artigo fazer uma evolução dos trabalhos arqueológicos promovidos no Concelho de Belmonte nestes mais de 100 anos.

O Município de Belmonte tem apostado no desenvolvimento do seu turismo com base no património cultural e os cerca de 80.000 visitantes registados em 2017 nos seus espaços museológicos (Castelo de Belmonte, Igreja Santiago, Museu Judaico, Ecomuseu do Zêzere, Museu dos Descobrimentos, Museu do Azei-



Figura 6 – Casa da Torre – Museu do Território / Centro de Estudos Arqueológicos.



CASA DA TORRE

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS

LEGENDA

- ▶ Pré-História
- ★ Megalitismo
- Idade do Ferro
- Romano
- ▲ Medieval
- ◇ Moderno
- Contemporâneo

1. Poeja
2. Tapada da Vinha
3. Quinta do Pessegueiro
4. Belmonte
5. Quinta das Vinhas
6. Chão Rocho
7. Fonte Soldado
8. Quinta das Minas
9. Laje do Tostão
10. Quinta da Marrada
11. Caria - Casa da Torre
12. Quinta da Carneira
13. Quinta da Anta
14. Pardinas
15. Tapada do Pinto
16. Barrentas
17. S. Geraldo
18. Vilela
19. Fonte Velha
20. Sítio da Sr.ª Da Estrela I
21. Sítio da Sr.ª Da Estrela II
22. Terras da Ribeira
23. Chão Novo
24. Capela de N. Sr.ª da Esperança
25. Chão do Lameiro I
26. Chão do Lameiro II
27. Cabecinho do Santo
28. Convento N. Sr.ª da Esperança
29. Capela de Sto. Antão
30. Centum Cellas
31. Quinta do Rei Fernando I
32. Quinta do Rei Fernando II
33. Quinta do Vale da Sobreira
34. Quinta do Velho
35. Azandija
36. Muro (Romano)
37. Castro da Chandeirinha
38. Sepultura Chão do Tanque
39. Quinta da Fórnea I
40. Quinta da Fórnea II
41. Quinta da Fórnea III
42. Sepultura Quinta Ribeira
43. Quinta da Amoreira
44. Terra Grande I
45. Terra Grande II
46. Ribeira Barrentas
47. Abrigo Terra Grande

Figura 7 – Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte (2017).

te, Casa da Torre, Casa da Roda, Casa Etnográfica, Villa da Fórnea e Centum Cellas) prova que tem sido uma aposta ganha.

Muito há a fazer e novos desafios de avizinham! É importante realocar todos os lugares, fazer uma prospecção de campo intensiva de modo não só a identificar novos locais, mas também avaliar o estado dos sítios já identificados. É importante valorizar Centum Cellas, a villa e os mausóleos da Fórnea, assim como estudar todo o material arqueológico já identificado.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (1988) – *O domínio romano em Portugal*, Lisboa: Europa-América.

ALMEIDA, João de (1945) – *Roteiro dos Monumentos militares portugueses*, Lisboa: Edição do Autor, Vol.I.

BELO, Aurélio Ricardo (1960) – Nótulas sobre cinco marcos miliários da via militar Mérida – Viseu – Braga, encontrados nas proximidades da Torre de Centum Cellae de Belmonte, *Revista de Guimarães*. Guimarães. 70: 1-2. pp. 27-50.

CARVALHO, Pedro Jorge Cardoso de (2007) – *Cova da Beira : ocupação e exploração do território na época romana*, Fundão/Coimbra: Câmara Municipal do Fundão / Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.

CANELO, David Augusto (2001a) – *Belmonte, Judaísmo e Cripto-judaísmo. Estudos de História*, Belmonte: Edição do Autor com patrocínio da Câmara Municipal de Belmonte.

CANELO, David Augusto (2001b) – *Os últimos criptojudéus em Portugal*, Belmonte: Edição do Autor com patrocínio da Câmara Municipal de Belmonte, 2.ª Edição.

FRADE, Helena (1993-94) – A Torre de Centum Cellas (Belmonte): Uma villa romana, *Conimbriga*, Coimbra: 32-33, p.87-106.

FRADE, Helena (2002) – *Centum Cellas: Uma villa romana na Cova da Beira*, Coimbra: Dissertação de mestrado apresentada à Universidade da Beira Interior.

GARCIA, José Manuel (1984) – *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco: pp. 93.

GOMES, Rita Costa (1996) – Castelos da Raia, *Colecção Arte e Património*, Lisboa: IPPAR, Volume I.

GUERRA, Amílcar (2007) – Sobre o território e a sede dos Lancienses (Oppidani e Transcudani) e outras questões conexas, *Conimbriga*, Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Volume XLVI, p.161-206.

GUERRA, Amílcar, SCHATTNER, Thomas (2010) – El foro y el templo de Lancia Oppidana: nueva interpretación de Centum Celas (Belmonte), *Ciudad y foro en Lusitania Romana*/ coord. por Trinidad Nogales Basarrate, págs. 333-342.

Jornal: *A Serra* (1925), Belmonte: p. 22.

JÚNIOR, Francisco de Proença (1910) – *Archeologia do Distrito de Castello Branco*, Leiria.

JÚNIOR, Francisco Tavares Proença (1910) – *Inscrições Inéditas, O Archeologo Português*, Lisboa: Vol. XV, pp. 39-54.

MARQUES, António Augusto da Cunha (1995) – *Relatório da III Campanha de Escavações no Castelo de Belmonte*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte.

MARQUES, António Augusto da Cunha (1998) – *Relatório das Escavações no Convento de Nossa Senhora da Esperança*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte.

MARQUES, António Augusto da Cunha (2000a) – *Escavações Arqueológicas no Castelo de Belmonte (1992-1995)*, *Actas das Jornadas da Beira Interior. História e Património*, Guarda: pp. 253-286.

MARQUES, António Augusto da Cunha (2000b) – Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte (Castelo Branco), *Actas das Jornadas da Beira Interior. História e Património*, Guarda: pp. 351-360.

MARQUES, Manuel (2001a) – *Belmonte – Terras de Cabral*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte, 1.ª Edição.

MARQUES, Manuel (2001b) – *Concelho de Belmonte. Memória e História (Estudo Monográfico do Concelho de Belmonte)*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte.


NOGUEIRA, Cristina (2006) – *Monografia Histórica do Concelho de Belmonte - Novos Contributos*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte.

ROBALO, Elisabete (2008) – *Escavações arqueológicas na Casa da Torre (Caria – Belmonte) – Resultados Preliminares*, *Actas das I Jornadas de Património de Belmonte*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte.

SANTOS, Filipe João, CARVALHO, Pedro (2008) – Aspectos do mundo funerário romano na Beira Interior: as estruturas funerárias monumentais da Quinta da Fórnea II (Belmonte): uma primeira abordagem, *Conimbriga*, Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Volume XLVII, pp. 127-143.

SOUSA, Catarina Valença Gonçalves Vilaça (2003) – *As pinturas murais tardo-medievais do Concelho de Belmonte*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte, 1.ª edição.

TAVARES, Joaquim Cardoso, MARQUES, Manuel – *Subsídios para uma monografia da Vila de Belmonte*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2022

www.arqueologos.pt